

Jackson Knight

Para quem o conhecia, não podia ser outro senão JK — o humor autodepreciativo, a tendência a se queixar.

O próprio Wilson Knight esteve presente numa sessão, um mês depois, quando JK foi o primeiro a falar pela médium, Dorothy Perkins. Ele escreve:

Começou a falar comigo de maneira loquaz: 'Muitíssimo obrigado' foi repetido com bastante ênfase. E depois, interrompendo de repente à sua maneira característica: "Oh, desculpem! Eu deveria cumprimentar a todos. . ." E, em seguida, para mim: "Fifi me deixou falar primeiro. Como ela é boa. É realmente uma experiência maravilhosa".

Ao lhe perguntarem como era sua vida agora, respondeu com palavras que lembram as do vidente espiritual de T. S. Eliot, em *Little Gidding* ("no meio dos dois, os mundos se tornam bem parecidos"): "Não muito diferentes, mas as coisas são mais bonitas que talvez fossem antes. Flores, árvores, vida animal. Tudo muito lindo. E não há dor, e nada é feio!". E acrescentou: "Se eu quiser, posso ver os lugares escuros. Mas ainda não estou preparado para isso. Deve ser interessante ver o inferno criado pelas próprias pessoas". [Swedenborg também havia falado desse aspecto do mundo dos espíritos.] E disse mais: "Tudo o que nos diziam é absolutamente verdadeiro. . . E é tão importante que todos deveriam saber. As pessoas sejam bem mais felizes — e mais cuidadosas". Falou também que não era fácil influenciar as pessoas. "Quando a gente vê o que tem de ser feito para se chegar à terra, todo o mecanismo. . ."

Devo confessar que considero as observações de JK mais convincentes do que todas as provas puramente "factuais", que Wilson Knight também tem condições de oferecer em abundância. Em 1965, transmitiu-se uma mensagem de JK através de Vera Broom, de Dawlish, na igreja de Exeter. Ele desejava que Wilson Knight desse algo que valorizava muito ao afilhado, Peter Fletcher, mas estava com dificuldade de se fazer entender direito. Diz Wilson Knight: "Usou-se uma linguagem figurada. A médium viu uma gaveta alta com uma chave, e foi informada de que nela havia um pequeno objeto numa caixinha de couro. Pensei em medalhas, e perguntei se era algo militar. "De certa forma", foi a resposta. Não havia gavetas daquele tipo em nossa casa, mas havia, em cima de um armário estreito, uma pequena caixa com chave, aproximadamente da largura do armário, que poderia assemelhar-se a uma gaveta alta. Dentro dela estavam alguns objetos sem importância, mas entre eles havia uma caixinha de couro e nesta um broche alongado, enfeitado com florezinhas, imitando um punhal ou uma adaga". Wilson Knight às vezes se dedica a escrever textos ditados supostamente pelo espírito de sua mãe ou pelo do irmão. Em 14 de novembro de 1965, usou esse método para perguntar sobre o broche, e lhe disseram: "Era um símbolo militar que representava a vida pertinaz do regimento, e quem me deu foi o coronel do meu regimento em 1918".

Wilson Knight acrescenta: "Não considero meus escritos ditados como autoridade em questões de pormenor factual, embora em outros sentidos eu lhes atribua algum valor. Mas acho que a mensagem principal, no todo, é convincente. Os amigos e afilhados de JK significavam muito para ele — JK adorava dar-lhes presentes —, e suas experiências no exército e no Campo de Treinamento de Oficiais constituíam, talvez, a maior paixão de sua vida. Seja o que for a história desse broche, a recomendação ansiosa de meu irmão é bem característica de sua personalidade". Deram o broche ao afilhado de JK.

"Ofereço agora um exemplo que não diz respeito a mim", escreve Wilson Knight:

Neste caso, conto com um relato pormenorizado que me preparou o Prof. Bonamy Dobrée, da Universidade de Leeds. Em 7 de junho de 1952, convidei algumas pessoas da universidade para me acompanharem à apresentação de um famoso médium visitante, Gordon Higginson. Havia grande público, talvez mil pessoas. Uma delas, a que darei o nome de A, ouviu o nome da rua e o número de sua casa em Leeds. Ao lhe perguntarem se o sobrenome de seu vizinho era B, A não soube dizer ao certo, pois o Sr. B era novo na vizinhança. Quanto ao primeiro nome, deram C para o Sr. B e D-E, nomes femininos, provavelmente para a esposa do Sr. B. Desses nomes, A nada sabia. E foi dito mais: que D-E conversara com alguém naquela manhã e que havia uma mensagem para ela.

Após a apresentação, A bateu à porta do vizinho para fazer algumas perguntas. O sobrenome e os primeiros nomes estavam todos certos. Um número mencionado na apresentação era o de uma casa onde o Sr. B havia morado até pouco tempo antes e onde ainda guardava o carro. A princípio, tanto o Sr. B quanto a esposa negaram que D-E tivesse conversado com alguém naquele dia, na parte da manhã, posto que ela estivera sozinha em casa a manhã toda. Mas logo depois voltaram para dizer que realmente houvera uma conversa ao telefone, e o Sr. B falou: "Por favor, diga-nos qual foi a mensagem, porque a conversa foi sobre algo importante. Na realidade, foi sobre a coisa mais importante que fizemos na vida". Infelizmente, A estava tão abalado com a identificação que não conseguia lembrar-se da mensagem.

Por acaso, A era assistente de laboratório na universidade, embora não pertencesse ao nosso grupo. Ele deve ter visto o Prof. Dobrée durante a apresentação do médium, pois procurou-o depois em estado um tanto perturbado para contar-lhe o ocorrido. Pedi então que o Prof. Dobrée me transcrevesse os fatos com precisão, e de seu relato tirei esta história, com tudo o que ele lembrou das perguntas agilíssimas de Higginson e das confirmações posteriores.